

Letramento Acadêmico

Renata Ferreira Costa



São Cristóvão/SE
2021

Letramento Acadêmico

Elaboração de Conteúdo

Renata Ferreira Costa

Projeto Gráfico

Neverton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

Revisão

Juliana Cecci Silva

Copyright © 2012, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

C837I Costa, Renata Ferreira.
Letramento acadêmico / Renata Ferreira Costa. – São
Cristóvão, SE : UFS, CESAD , 2021.
163 p.

1. Letramento. 2. Redação acadêmica. 3. Leitura. 4.
Linguística. 5. Plágio. I. Título.

CDU 81
ISBN: 978-65-86195-47-7

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação

Ricardo Vélez Rodríguez

Secretário da Seres

Marcos Antônio Barroso Faria

Reitor

Valter Joviniano de Santana Filho

Vice-Reitor

Rosalvo Ferreira Santos

Chefe de Gabinete

Alaíde Hermínia de Aguiar Oliveira

Diretor do CESAD

Péricles Moraes de Andrade Júnior

Vice-diretor do CESAD

Fábio Alves dos Santos

Coordenador Geral da UAB/UFS

Antônio Ponciano Bezerra

Coordenador Adjunto da UAB/UFS

Fábio Alves dos Santos

Diretoria Pedagógica

Fábio Alves dos Santos (Diretora)

Diretoria Administrativa e Financeira

Milena Borges Leite Costa

Coordenação de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa

Coordenação de Avaliação

Hérica dos Santos Matos

Coordenação de Tecnologia da Informação

José Mário Aleluia Oliveira

Assessoria de Comunicação

Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

Coordenadores de Curso**Administração** - Eduardo Farias**Biblioteconomia** - Telma de Carvalho**Ciências Biológicas** - Yana Teixeira dos Reis**Filosofia** - Everaldo Vanderlei de Oliveira**Física** - Nelson Orlando Moreno Salazar**Geografia** - Christian Jean Marie Boudou**História** - Lourival Santana**Letras Espanhol** - Valéria Jane Siqueira Loureiro**Letras Inglês** - Marlene de Almeida A. de Souza**Letras Português** - Ricardo Nascimento Abreu**Matemática** - Allyson dos Santos Oliveira**Química** - Elaine Cristina Nogueira Lopes de Lima**Coordenadores de Tutoria****Administração Pública e Biblioteconomia**

Martha Suzana Cabral Nunes

Filosofia, Geografia e História

Givaldo dos Santos Bezerra

Letras - Português, Inglês e Espanhol

Flávia Ferreira da Silva Rocha

COORDENAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)

Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

Neverton Correia Silva

Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"

Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze

CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE

Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Aula 5

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS EM PERSPECTIVA LINGUÍSTICA E DISCURSIVA

METAS

Analisar a produtividade dos recursos estudados pela argumentação na língua.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Entender o uso de recursos linguísticos na construção de posições discursivas.
Compreender o papel dos operadores argumentativos, dos marcadores de pressuposição e da modalidade discursiva nos gêneros acadêmicos.

PRÉ-REQUISITOS

Realizar o estudo e as atividades da aula “Características da leitura e escrita de textos acadêmicos”.

Isabel Cristina Michelan de Azevedo

INTRODUÇÃO

Caro/a estudante,

Nesta aula, você terá a oportunidade de entender quais são os recursos linguístico-discursivos que favorecem a construção de pontos de vista. Em primeiro lugar, destacaremos o papel dos operadores argumentativos; em seguida, serão destacados os tipos de modalizadores e, por fim, serão identificados os mecanismos que permitem depreender os implícitos.

É importante destacar que os estudos conhecidos como teoria da argumentação na língua, que concebem a argumentatividade como inerente à linguagem, foram desenvolvidos principalmente a partir do final da década de 1980 por **Ducrot e Anscombe** e continuam em desenvolvimento.

Ver glossário no final da Aula

Nessa perspectiva, um argumento não é produzido por alguém que quer mudar a visão de um interlocutor, mas é o exercício de uma atividade que analisa os recursos linguísticos que seguem uma sequência e encaminham uma ideia para sua conclusão. Para os autores, o movimento argumentativo pode ser observado quando se segue a direção do discurso. No emblemático exemplo: (1) “Pedro trabalhou pouco” em comparação com (2) “Pedro trabalhou um pouco”, Ducrot explica que ambas as sentenças se referem a um mesmo fato, mas orientam a uma conclusão diferente. Na primeira sentença, considera-se que, na sociedade contemporânea, quem trabalha pouco tende a fracassar; na segunda, pelo fato de Pedro trabalhar “um pouco”, é possível que tenha algum sucesso. As expressões argumentativas “pouco” e “um pouco” promovem sentidos opostos. Isso fica demarcado na sentença (3): “Trabalhou pouco, embora tenha trabalhado um pouco”. Trata-se, portanto, de uma diferença não factual, mas argumentativa.

A ampliação dos estudos relativos à argumentatividade permitem observar que há intencionalidade no nível linguístico de produção da linguagem, e isso precisa ser considerado na construção de pontos de vista. Para aprofundar um pouco mais a compreensão dessa perspectiva, serão conhecidos, nesta aula, quais são os operadores argumentativos típicos, os recursos que permitem identificar os implícitos e os tipos de modalizadores discursivos.

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS OPERADORES ARGUMENTATIVOS?

Ao observar quais recursos promovem a inter-relação semântica entre os elementos linguísticos, Ducrot observou haver a existência de marcadores argumentativos. Chamados também de operadores argumentativos, assumem um papel singular na escrita argumentativa, porque orientam os enunciados a uma certa conclusão, além de cada um proporcionar diferentes relações entre os elementos da gramática de uma língua. Desse modo, é

possível estabelecer diferenças por meio de recursos linguísticos e criar um novo enunciado com valor argumentativo diferente.

No quadro 1, a seguir, você tem a oportunidade de conhecer um conjunto de operadores argumentativos:

OPERADOR ARGUMENTATIVO	FUNÇÕES
<i>e, também, ainda, nem (= e não), não só... mas também, tanto... como, além de..., além disso...</i>	Somar argumentos a favor de uma mesma conclusão.
<i>até, até mesmo, inclusive</i>	Assinalar o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão.
<i>ao menos, pelo menos, no mínimo</i>	Deixar subentendida a existência de uma escala entre argumentos mais fortes que outros.
<i>mas, porém, contudo, todavia, no entanto, embora, ainda que, posto que, apesar de etc.</i>	Contrapor argumentos orientados para conclusões contrárias.
<i>porque, que, já que, pois etc.</i>	Introduzir uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior.
<i>mais que, menos que, tão... como/ quanto etc.</i>	Estabelecer relações de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão.
<i>ou, ou então, quer... quer, seja... seja, etc.</i>	Introduzir argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas.
<i>já, ainda, agora etc.</i>	Introduzir no enunciado conteúdos pressupostos.
<i>portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente etc.</i>	Introduzir uma conclusão relativamente a argumentos apresentados em enunciados anteriores.
<i>pouco, um pouco, apenas etc.</i>	Distribuir elementos em escalas opostas, orientadas para a afirmação ou negação de uma totalidade.

Quadro 01 – Funções dos operadores argumentativos.

Fonte: Elaboração própria a partir das informações recolhidas por Koch (1992) e Koch e Elias (2017).

Por meio desses recursos, o discurso argumentado torna-se mais específico, uma vez que os operadores argumentativos orientam a conclusões específicas. A título de ilustração, a seguir, encontram-se três exemplos reunidos em Koch e Elias (2017):

Exemplo 1

“É golfe, mas jogado com os pés.

No futegolfe, esporte criado no Brasil, não é preciso desviar do goleiro. O desafio é ser bom de mira”.

CARRERA, Isabella; OSHIMA, Flávia Yuri. É golfe, mas jogado com os pés. **Época**. São Paulo: Globo, ed. 845, 11 ago. 2014.

Nota-se, pelo exemplo 1, que o operador “mas” exprime um movimento psicológico que coloca na segunda parte do enunciado uma oposição ao que foi afirmado na primeira parte.

Exemplo 2

“O estranhamento continuou ao constatar que nossos amigos, uma vez em casa, não se precipitaram para telefonar para o 190. Aliás, descobri na ocasião que ninguém sabia qual era o número certo: 190? 192? 193? Por que memorizar um número de emergência no qual ninguém confia?”

CALLIGARI, Contardo. Fim de semana no Rio. **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, 27 ago. 2015, C10.

No exemplo 2, o operador argumentativo “aliás” acrescenta mais um argumento e constrói uma argumentação que serve para iniciar apresentação de uma crítica contundente e mais forte que os argumentos inicialmente reunidos.

Exemplo 3

“Sua vida já é digital. Está na hora de a sua conta também ser.”

Campanha da Vivo “Usar bem pega bem”. **Veja**. São Paulo, n. 2.438, 12 ago. 2015.

No exemplo 3, o operador argumentativo “já” indica que houve uma mudança de estado de um período para outro. A mudança que se observa em um tempo passado influencia o que está sendo vivido em um tempo posterior.

Aprender a identificar os operadores argumentativos e a perceber as relações de sentido construídas por meio do uso deles é algo que favorece reconhecer a orientação argumentativa presente no dito, isto é, com base no que está explícito, bem como identificar alguns implícitos, pois muitos deles permitem depreender os posicionamentos enunciativos decorrentes de cada marcador escolhido para compor os textos.

A seleção de operadores argumentativos é algo que merece especial atenção quando se faz a leitura de gêneros acadêmicos, pois é um meio prático para identificar as posições assumidas pelo sujeito em seu discurso. Em síntese, nota-se que, em um encadeamento argumentativo, o sentido é obtido com base na interpretação da orientação promovida pelos operadores argumentativos. Assim, em “A” portanto “C”, o sentido de “A” não pode ser definido independentemente da conclusão indicada pelo operador, que conduz a “C”. As partes da sentença passam a estar ligadas com base na orientação que o elemento linguístico propõe (DUCROT, 2009).

Além disso, recomenda-se observar outros recursos que podem indicar os implícitos contidos em um enunciado: os marcadores de pressuposição.

QUAIS RECURSOS PODEM SER CONSIDERADOS MARCADORES DE PRESSUPOSIÇÃO?

Embora existam distintas teorias que tratem o fenômeno da **pressuposição**, nesta aula, utilizaremos apenas a perspectiva desenvolvida por Ducrot desde 1966.

Ver glossário no
final da Aula

Há um conjunto bastante variado de elementos que podem estar implícitos em um texto/discurso. Além das crenças, dos valores e das ideologias, por exemplo, que são identificadas nas relações entre os sujeitos, há elementos que podem ser depreendidos do contexto situacional ou a partir do uso de diferentes recursos linguísticos.

Nos estudos linguísticos e textuais, considera-se que os implícitos são de dois tipos: os subentendidos (decorrentes do contexto situacional) e os pressupostos (decorrentes do uso de marcadores linguísticos de pressuposição). Contudo, nesta aula, só trataremos da pressuposição.

Você pode perceber que alguns operadores argumentativos favorecem a demarcação de pressuposição. Se alguém afirma “Clarice está bem, mas ainda sente os efeitos do período em que esteve hospitalizada”, depreende-se, por meio do uso do “mas”, que Clarice não estava bem no período em que permaneceu no hospital. Além desse tipo de recurso, outros podem ativar a pressuposição, como pode ser visto no quadro 2:

ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS	EXEMPLOS
Verbos que indicam mudança ou permanência de estado, como: <i>ficar, começar a, passar a, deixar de, continuar, permanecer, manter, tornar-se</i> etc.	Pedro deixou de beber. (pressuposto: Pedro bebia)
Verbos denominados factivos: complementados pela enunciação de um fato (de modo geral, são verbos de estado psicológico, como: <i>lamentar, lastimar, sentir, adivinhar, ignorar, perceber, saber, estar triste ou contente com</i> etc.)	Lamento que Maria tenha sido demitida. (pressuposto: a verdade do que está sendo enunciado)
Verbos implicativos, como: <i>conseguir, esquecer, evitar</i> etc.	Esqueci de abrir a janela. (pressuposto: eu sabia anteriormente que deveria abrir a janela)
Certos conectivos circunstanciais, especialmente quando a sentença por eles introduzida vem anteposta.	Desde que Luís ficou noivo, não cumprimenta mais as amigas (pressuposto: Luís está noivo)
Orações adjetivas ou adjetivos.	Os candidatos a prefeito, que só querem defender seus interesses, não pensam no povo. (pressuposto: todos os candidatos a prefeito têm interesses individuais) Os partidos radicais acabarão com a democracia no Brasil. (pressuposto: existem partidos radicais no Brasil)
Advérbios de negação.	O resultado da prova ainda não foi divulgado. (pressuposto: o resultado já devia ter sido divulgado ou o resultado será divulgado com atraso.)

Quadro 02 – Elementos ativadores de pressuposição.

Fonte: Elaboração própria.

Há outros recursos que podem gerar pressuposição. As indicações acima visam a tornar cada um de vocês sensíveis a perceber quando há um caso em uso, pois esse tipo de recurso pode estar presente em todos os gêneros textuais. No entanto, o interesse maior, nesta aula, é perceber que em gêneros acadêmicos a observação desse fenômeno favorece a percepção dos posicionamentos assumidos.

Para essa finalidade, também é recomendado observar as diferentes maneiras de modalizar o discurso, o que será realizado a partir daqui.

COMO É POSSÍVEL ATENUAR OU MARCAR UMA POSIÇÃO NO DISCURSO?

O fenômeno da modalização discursiva estabelece uma perspectiva em relação a algo que está sendo posto em discussão. Como, para Ducrot, a língua é fundamentalmente argumentativa, olhar para a modalização também é um meio para observar determinadas orientações e conclusões.

Por exemplo, se alguém diz: (1) o dólar deve cair nesta semana; (2) provavelmente o dólar cairá nesta semana; (3) eu diria que o dólar cai nesta semana, está apresentando possibilidades distintas em relação a um mesmo acontecimento. Utilizar “é possível”, “provavelmente” ou “deve” indica haver hipóteses distintas que são manifestadas pelos enunciados.

As **modalidades** são conhecidas desde os trabalhos de Aristóteles, na Antiguidade Grega, e têm sido objeto de estudo de distintas correntes linguísticas. Contudo, nesta aula, a atenção estará voltada às perspectivas linguísticas que são mais divulgadas. Assim, serão destacadas as modalidades deônticas e epistêmicas.

Ver glossário no final da Aula

A modalidade deôntica

Refere-se ao eixo da conduta ou do dever, isto é, está ligada às normas declaradas ou sugeridas que devem ser cumpridas.

A modalidade epistêmica

Refere-se ao eixo dos conhecimentos ou do saber que se têm acerca de um estado de coisas.

Dentre os vários tipos de lexicalização possíveis para construir uma modalização, Koch (1993) destaca alguns:

- os auxiliares modais: dever, precisar, poder etc;
- os verbos de atitude proposicional: eu sei, eu duvido, eu penso etc;
- os predicados cristalizados: é certo, é necessário, é proibido etc;
- os advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, necessariamente etc;

- os modos e tempos verbais: o imperativo, certos empregos do subjuntivo, o futuro do pretérito do indicativo, o imperfeito do indicativo etc.

Esses recursos linguísticos são considerados indicadores modais ou índices de modalidade e são bastante utilizados nos gêneros acadêmicos quando se quer amenizar uma afirmação que possa parecer categórica demais ou, pelo contrário, quando se quer definir uma linha de ação. Como afirma Castilho e Castilho (1993), o termo modalização expressa uma avaliação do falante perante uma proposição, por isso, ao notar quais indicadores modais foram utilizados, observa-se como o sujeito exerce o ato de julgar o teor de verdade de uma afirmação.

Nascimento (2018) confirma que os modalizadores epistêmicos são privilegiados em vários gêneros acadêmicos (resumo, resenha, artigo, projeto de pesquisa de TCC, monografia de TCC e ata administrativo-acadêmica) e pode ser confirmado no fragmento de resumo a seguir:

Resumo

Na investigação constatou-se que a seleção lexical está diretamente relacionada à classe socioeconômica do destinatário e reflete-lhe os anseios, o estilo de vida e os valores ideologicamente consagrados pela classe social a que ele pertence.

LIMA, Geziel de Brito; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **A argumentatividade no gênero resumo acadêmico**: operadores argumentativos e modalizadores discursivos (Relatório de Pesquisa PIVIC). Mamanguape: Universidade Federal da Paraíba, 2009.

A presença da modalização epistêmica, construída por meio do verbo “constatar”, indica que o sentido recai sobre o conteúdo todo do enunciado, que passa a ser apresentado como algo que foi previamente analisado e comprovado, por isso pode ser tomado como certo ou verdadeiro.

A modalização deôntica, que indica obrigatoriedade ou diretiva e ainda declara explicitamente um posicionamento do sujeito, muitas vezes faz parte da conclusão do resumo, uma parte do texto em que os autores expressam diretamente uma avaliação em relação ao que foi pesquisado; como se vê em: “Sendo assim os cuidados com as influências trazidas por essas tecnologias devem ser redobradas” (LIMA; NASCIMENTO, 2009).

Segundo Nascimento (2018, p. 3369), “a presença dos modalizadores epistêmicos nos gêneros acadêmicos é perfeitamente justificável se considerarmos que esses gêneros são utilizados para veicular a voz da ciência, que se pretende comprovada, certa, objetiva”.

Embora só tenham sido reunidos exemplos retirados de um resumo, as observações são válidas para outros gêneros acadêmicos, como já foi

citado, o que pode apoiar tanto as práticas de leitura quanto às de escrita realizadas na universidade.

CONCLUSÃO

Com este breve estudo a respeito do fenômeno da modalização discursiva, pretendeu-se colaborar com a reflexão do estudante acerca da presença da argumentação nos gêneros acadêmicos. Mesmo sendo um trabalho realizado em apenas duas aulas, foi possível perceber a relevância de se considerar cada um desses fenômenos linguístico-discursivos na leitura e escrita dos gêneros solicitados nas disciplinas que integram seu curso.



RESUMO

Nesta aula, foi possível observar como diferentes elementos linguísticos podem colaborar com a identificação e construção de posições discursivas em gêneros acadêmicos. Diante da variedade de recursos disponíveis, foram destacados alguns operadores argumentativos mais frequentes, os marcadores de pressuposição que são mais facilmente identificáveis e duas modalidades discursivas que são frequentemente utilizadas em gêneros acadêmicos.



ATIVIDADE FINAL

Caro/a aluno/a, realize a atividade final desta aula, disponível no AVA/Moodle, sobre identificação de operadores argumentativos, marcadores de pressuposição e modalizadores discursivos.



AUTOAVALIAÇÃO

Para confirmar se houve apreensão relativa aos conteúdos estudados nesta aula, recomenda-se realizar as seguintes atividades:

- 1) Localizar em textos em circulação no meio acadêmico trechos em que se encontram ao menos um exemplo de cada tipo de operador argumentativo.
- 2) Rer o conteúdo da aula para sublinhar os trechos em que são visíveis marcadores de pressuposição.
- 3) Produzir declarações acadêmicas modalizadas de modo epistêmico e deôntico.



PRÓXIMA AULA

A próxima aula é dedicada ao estudo dos gêneros textuais, especialmente daqueles pertencentes à esfera social acadêmica.

REFERÊNCIAS

- CALLIGARI, Contardo. Fim de semana no Rio. **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, 27 ago. 2015, C10.
- CAMPANHA DA VIVO “Usar bem pega bem”. **Veja**. São Paulo, n. 2.438, 12 ago. 2015.
- CARRERA, Isabella; OSHIMA, Flávia Yuri. É golfe, mas jogado com os pés. **Época**. São Paulo: Globo, ed. 845, 11 ago. 2014.
- CASTILHO, Ataliba T. de; CASTILHO, Célia M. M. de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do Português Falado**. v. II: níveis de análise linguística. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 213-260.
- DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.
- KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. **A inter-relação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1993.
- KOCH, Ingedore Grunfield Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.
- LIMA, Geziel de Brito; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **A argumentatividade no gênero resumo acadêmico: operadores argumentativos e modalizadores discursivos (Relatório de Pesquisa PIVIC)**. Mamanguape: Universidade Federal da Paraíba, 2009.
- MOURA, Heronildes Maurílio de Melo. **Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2000.
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A modalização discursiva como índice de argumentatividade nos gêneros acadêmicos. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p.3357-3372, out./dez. 2018.

GLOSSÁRIO

Pressuposição – é um tipo particular de inferência, que se difere sob vários aspectos pragmáticos. As pressuposições são ativadas por determinadas palavras, que, em um certo contexto, recuperam informações que fazem parte do conhecimento compartilhado entre os interlocutores (MOURA, 2000).

Modalidade - é uma estratégia que permite ao locutor deixar registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade por meio de determinados elementos linguísticos que imprimem um modo como esse discurso deve ser lido, ou seja, um ato de fala particular (KOCH, 1993).

Oswald Ducrot (1930) – Estudou na École Normale Supérieure (1949-1954) e, entre 1954 e 1963, lecionou filosofia, antes de ingressar no CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), a principal organização de pesquisa estatal francesa, onde desenvolveu investigações em lógica matemática. Na EHESS (École des Hautes Études en Sciences Sociales), em Paris, Ducrot ministrou cursos entre 2010 e 2011, além de ter lecionado em várias universidades pelo mundo (especialmente em Campinas, Stuttgart, Montreal, Genebra e Berlim Ocidental) como professor visitante. É autor de variadas obras e, em parceria com Jean-Claude Anscombe, o responsável por desenvolver a teoria de argumentação na língua, que consiste em apreender o desdobramento da argumentação não apenas no discurso, mas também no uso dos elementos disponíveis na língua natural.